

Concurso Literário

“Escritores de Contos de Verão”

O mistério do Olival da Pega

Miguel Zambujal

2024

Nasci há sessenta anos no Monte da Pega situado nas imediações da aldeia do Telheiro, freguesia de Monsaraz, à época propriedade do latifundiário Anacleto Gião.

Reza a lenda - e isto contava o meu falecido avô, Alfredo Zambujo – que, em tempos longínquos, havia uma pega que convivia com os humanos, como se de um verdadeiro animal doméstico se tratasse, entre o monte, a ribeira e o olival que por ali existia – e existe – há várias centenas ou mesmo milhares de anos.

Para quem não sabe, as pegas-rabudas são os únicos corvídeos de plumagem branca e preta, dotadas de uma longa cauda que as torna inconfundíveis, mas o mais surpreendente é que possuem uma inteligência incomum para um ser alado.

Curiosamente, no final da década de 60 do século XX, e vai-se lá saber porquê, uma pega-rabuda manca, infortúnio duma chumbada dada por um caçador que por ali passou, afeiçoou-se à nossa família durante mais de uma dezena de anos e a quem lhe demos o nome de Olívia.

Quando a pega Olívia se juntou a nós, era eu uma criança. Naquele tempo, a maioria das famílias vivia da sazonalidade, gente que levava uma vida de trabalho mais para sobreviver do que para viver. As terras de Monsaraz ofereciam, entre muitas atividades rurais, a apanha da azeitona. A freguesia tinha mais população do que hoje e, infelizmente, também mais miséria, por isso, muitos iam saindo do país à procura de melhor sorte.

Todos os anos, os olivais tradicionais eram ripados a troco de azeite e de alguns escudos ou mesmo contos de réis. De miúdos a graúdos, não havia quem não ajudasse na recolha do fruto das árvores que guardavam tão preciosa gordura vegetal. O Olival da Pega de Anacleto Gião, não era exceção.

O meu pai, Joaquim Pinto Zambujo, mais conhecido por Quim do Zambujo, casou com a minha mãe, Josefa Torres Lagareiro, somente Zefa para os mais próximos. Sou neta de moleiros das duas margens do rio Guadiana, que abandonaram esta herança milenar romana quando deixou de ser rentável. Informo o leitor que Alfredo Zambujo e Mariana Pinto moleiros de Monsaraz e

Almerindo Lagareiro e Inácia Torres moleiros de Mourão eram amigos e foi daí que surgiu o namorico dos meus pais.

Éramos seis filhos, uns a seguir aos outros. Como gente humilde e trabalhadora, vivíamos no Monte da Pega por onde passava – e passa - a ribeira com o mesmo nome, carregada de vegetação densa nas margens, sobretudo, de ulmeiros, freixos, choupos, amieiros, silvas, tamargueiras e loendreiros. A água que corria no inverno quase que desaparecia com a calma do verão.

Era um monte modesto, mas com asseio. Tinha dois quartos e uma sala com lareira onde se cozinhava. Uma grande mesa retangular com uma toalha florida sobre o tampo, bordada pela minha avó Mariana Pinto – a mãe do meu pai – composta por bancos e cadeiras à volta, preenchiam o espaço. Ao deitar, distribuíamos-nos pelos quartos com camas de ferro aconchegadas com mantas de Reguengos e um único travesseiro. Por ser o rebento mais novo, eu dormia com os meus pais. Os meus irmãos Manuel, António e Francisco aconchegavam-se no outro quarto de reduzida dimensão. A minha irmã Fátima, que já era mulher feita, ficava na sala. Deitava-se num pequeno divã que se abria todas as noites e se fechava a cada amanhecer. Sebastião, o meu irmão mais velho que tanta falta fazia na azáfama do dia a dia, cumpria serviço militar na guerra do ultramar. Sem escolha, foi levado por ordem do ditador para defender a pátria em terras do norte de Angola, já lá iam cinco meses. A saudade de Sebastião nascido de parto difícil quando a minha mãe ainda era uma jovem adolescente, era imensurável. Não havia dia que não chorasse com a dor da sua ausência. Nunca adormecia sem rezar por todos nós junto à imagem de São Sebastião, o padroeiro da aldeia colocada na sua mesinha de cabeceira. Era na fé que ela encontrava a resiliência para não desistir da vida, nem de nós.

1972. Naquela tarde do último domingo do mês de novembro, já a lua subia lentamente no horizonte apagando os últimos raios de sol quando o meu pai enfiou a chave na fechadura da porta de madeira maciça. Abriu-a e empurrou-a a custo devido à elevada humidade do ar que a deixava meio empenada. Às escuras, com as mãos enregeladas e a ponta dos dedos enegrecidas, riscou, com algumas tentativas, um fósforo. De chama em punho ateou o pavio de algodão da lamparina d'azeite mais próxima da entrada. Num ritual automatizado, acendeu todas as lamparinas espalhadas, estrategica-

mente, pela sala permitindo a luz suficiente para nos vermos uns aos outros. O espaço escuro e vazio encheu-se de vida e de cansaço.

O vigésimo primeiro dia de trabalho no Olival da Pega, tinha terminado. O meu pai chegou, mais uma vez ao monte, com um profundo sentimento de missão cumprida. Há anos que o abastado proprietário, Anacleto Gião, não só lhe arrendava o monte, como também lhe entregava a árdua tarefa de varejar as centenas de oliveiras do seu olival. Gião era médico veterinário, dotado de elevado reconhecimento na zona e, por isso, a maioria dos monsaenses gostava dele porque lhes dava trabalho. Dono de várias propriedades, confiava no meu pai, que considerava bom homem e por quem tinha uma enorme admiração pela excelência da sua labuta. O meu pai, experiente na faina rural, sabia que chegaria à última oliveira do Olival da Pega alguns dias antes do Natal. Recebia à jorna consoante o peso da azeitona registado ao fim do dia pelo maioral, Chico Carrasco, pessoa rude que ali vivia para tratar do negócio do olival e bufar tudo ao patrão Anacleto Gião.

O meu pai só pedia trabalho, por isso, não tinha inimigos. Com as lamparinas d'azeite no seu esplendor, a minha mãe ajeitou a lareira ainda em brasa que conservava o calor para o conforto do lar. Aqueceu ali mesmo o ensopado de borrego na panela de barro confeccionado no dia anterior. Enquanto se compunha a mesa do jantar com pratos, copos e talheres retirados do robusto e velho louceiro de madeira de carvalho, os meus irmãos aproveitavam o momento para tratar dos animais e da pequena horta de onde nos alimentávamos ao longo do ano. Traziam mais cepos para dar mais força ao lume que se mantinha aceso mesmo durante a noite. O meu pai aproveitou para despejar uma saca com azeitona para dentro de um grande pote de barro comprado, propositadamente, na olaria centenária da família Patalim de São Pedro do Corval que encheu com água. A azeitona para conserva escolhida a dedo precisava de ser adoçada através de mudas de água diárias durante as próximas semanas.

Lá fora, apesar da fadiga do dia e da noite trazer mais frio, cada um dos meus irmãos tratava com zelo o afazer a seu cargo antes da comida na mesa. Manuel cuidava das oito ovelhas, todas com nome que sabia na ponta da língua, dos três borregos e de Almerindo, o carneiro cobridor. António deitava milho partido nos comedores da capoeira onde quem mandava era Alfredo, o galo

galador de galinhas que todos os dias punham ovos. Se Almerindo balia a qualquer hora da noite, Alfredo cacarejava todas as madrugadas ainda o sol pestanejava. Francisco dedicava-se à rega das hortícolas e árvores de fruto mais necessitadas. Eu dava de beber às tradicionais lamparinas acrescentando, às mais sedentas, o *al-azait*, palavra árabe para dizer sumo da azeitona.

Cabíamos todos à mesa, umas vezes farta, outras vezes com pão e conduto, na certeza de que nunca passávamos fome. Quando não havia trabalho, alimentávamo-nos da horta e dos animais, o suficiente para a subsistência duma prole com tanta boca para comer. Era rara a noite que não havia cante, baile e riso às refeições. Francisco tinha um dom inato para a música e tocava de ouvido, uma ou outra moda tradicional, na concertina do avô Almerindo Lagareiro. O pai da minha mãe sempre foi conhecido na zona pelo moleiro do Guadiana que tocava concertina. Lavávamos a loiça com a água retirada da ribeira e armazenada num tanque que também recebia o precioso líquido da chuva. Raspávamos as sobras dos pratos para alimentar as galinhas, as ovelhas e a Azeitona, a cadela podenga de pelo cerdoso que, às vezes, lá apanhava um coelho que comíamos grelhado na brasa. A pega Olívia comia de tudo e, por isso, tinha sempre o papo cheio.

Deitávamo-nos cedo, muito antes da meia-noite. Quando o silêncio da noite nos surpreendia com algo que fosse mais além do som das rãs ou do piar do mocho, instalava-se o desassossego, primeiro lá fora e depois dentro do monte. Foi, exatamente, o que aconteceu, mais uma vez, nessa noite. O primeiro sinal dado pelo matraquear aflitivo e constante da pega Olívia empoleirada na chaminé do monte com o ladrar insistente da cadela, em sintonia, com o balir, de tom grave, de Almerindo agravado pelo das ovelhas, bem mais agudo, o bastante para gerar, simultaneamente, um enorme alvoroço dentro do galinheiro, fez-nos despertar em catadupa perante tão desconcertante sinfonia. Numa correria às cegas, levantamo-nos do aconchego do leito que nem soldados em defesa do seu castelo. O meu pai, o primeiro a saltar da cama, deitou mão à caçadeira sempre carregada e pronta a disparar. Treinados para situações semelhantes, calámo-nos numa tentativa de perceber o motivo de tanta desordem. A certeza de que não era o vento que fazia estragos, precisamente porque não havia vento, levou-nos a pensar na possibilidade da passagem de algum animal selvagem com interesse por galinhas e ovelhas ou mesmo produtos da nossa horta familiar.

Podiam ser javalis, texugos, raposas... ou mesmo lobos. Inesperadamente, o uivo do lobo vindo do lado de lá da Ribeira da Pega no sentido da Ribeira do Azevel afluente do Guadiana, e com a qual confluía, confirmou o descontrolo dos bichos. Conformados com algo que até não era novidade, retornámos ao descanso dos deuses aguardando o canto madrugador do galo Alfredo que nos alertava, fielmente, para mais uma alvorada.

Os dias eram todos iguais. Todos ajudávamos nas tarefas matinais, uma vez que cada um de nós sabia, exatamente, qual era o seu contributo para mais uma longa jornada até ao pôr-do-sol. Os rostos cansados e as mãos calejadas e negras da azeitona eram lavados em pias. Havia uma pia de esmalte encaixada num suporte de ferro forjado encostado à parede junto à porta do monte e, lá fora, outra em pedra escavada usada pelos meus irmãos que aproveitavam a circunstância para tratar dos arreios da mula. Bebíamos café aquecido, alguns de nós juntávamos-lhe leite de ovelha, e comíamos pão torrado na brasa barrado com manteiga ou, simplesmente, com um fio de azeite aromatizado com alho e orégãos.

Na carroça transportávamos, para além, do manjar, por vezes, pouco mais do que o que sobrava do jantar, todos os acessórios para o repasto servido no campo. As varas, vassouras, lonas e cirandas eram guardadas no olival debaixo das árvores ao relento. A par duma carroça puxada pela Estrela, a velha mula, comprada numa feira de gado, com mais de vinte anos, a bicicleta era o meio de transporte da família. Tínhamos quatro e todos sabíamos pedalar nelas.

Não havia dia que o meu pai não desse corda ao relógio de bolso para que o mecanismo não parasse, para que a vida não parasse. Uma relíquia herdada do seu pai. Às sete horas em ponto, ainda o sol dormia e a neblina descansava no vale, depois dum toque subtil com a rédea no lombo da Estrela, dávamos início à marcha. As bicicletas chegavam sempre primeiro do que a carroça mais lenta e, por isso, os meus irmãos recomeçavam o trabalho a partir da última oliveira largada no dia anterior. Percorríamos algumas centenas de metros em terra batida até à estrada nacional empedrada com cubos de granito e entre solavancos e ordens muares, os meus pais deixavam-me primeiro na

escola primária que ficava na aldeia ao lado do posto da guarda. Descia da carroça e corria com a sacola na mão até à escola onde estava a professora à minha espera na sala aquecida a lenha e cheia de crianças. Aprendia letras e números até à uma da tarde. Assim que tocava a sineta, corria por estradas e veredas mais de dois quilómetros no sentido de Reguengos até ao Olival da Pega. O almoço era no meio das oliveiras. Depois de comer fazia os trabalhos escolares à luz do dia porque à noite, a chama da lamparina d'azeite iluminava mal as páginas dos livros com as aprendizagens. Em dias de temporal, ficávamos todos em casa, nem escola, nem trabalho.

Amanheceu, mais uma vez, sem sol. Apesar do sumiço do nevoeiro, o dia permanecia cinzento e gélido. Sempre que os meus pais chegavam ao olival na carroça, já os meus irmãos varejavam os ramos carregados de azeitonas que se soltavam, aleatoriamente. A lona colocada debaixo da copa da oliveira enchia-se, de frutos, folhas e ramos. Enquanto uns limpavam uma árvore, outros avançavam para a árvore seguinte para recolher as azeitonas caídas no chão antes de se colocar, novamente, a lona. Amontoavam-nas com um vasculho de giesta e depois aos poucos com as cirandas separavam-nas das pedras e da terra. Enchiam-se sacas de serapilheira que Chico Carrasco pesava e levava mais tarde para o lagar.

Raro era o dia que Chico Carrasco não falava com o meu pai para aferir o trabalho. Se lhe agradava, não dizia nada, no entanto, quando alguma coisa não corria bem, era uma besta do piorio. Lembro-me que uma desavença entre os dois não correu bem e quase levou o meu pai a largar a empreitada. Eram humanos e nem aos animais o meu pai permitia que fossem mal tratados, muito menos os seus familiares. Tudo aconteceu porque a minha mãe e a minha irmã Fátima não apareceram no olival. Eu adoeci e precisava de cuidados. As manhãs geladas brindaram-me com uma tamanha dor de ouvidos que me fazia chorar desconsoladamente. Nesse tempo, as maleitas eram tratadas com sabedoria popular passada de geração em geração. A minha mãe retirou da almotolia de latão um longo fio de azeite para um pequeno fervedor com o intuito de o amornar. Embebeu o líquido milagroso num algodão que enfiado no canal auditivo me aliviou a dor e o choro, uma mezinha infalível que se tem perdido no tempo. O meu pai era um homem polivalente, sem medo do trabalho, tão

necessário para o sustento duma família tão numerosa. Apesar das dificuldades, era acima de tudo um homem livre, era ele que decidia para quem trabalhar.

Como previsto, alguns dias antes da celebração cristã do nascimento de Jesus, limpou-se o Olival da Pega. Contas feitas com Chico Carrasco, com o compromisso de honra do regresso no ano seguinte. A palavra dita entre gente séria e de confiança, independentemente, da classe social, estava acima de tudo. O meu pai recebia o dinheiro em mão e os litros de azeite acordados eram levantados mais tarde no lagar da aldeia do Telheiro. Quando a azeitona chegava ao lagar, era espremida por prensas manuais com parafuso sem fim. Num momento mágico, o azeite novo corria a fio nas vasilhas espalhando a sua fragância pela aldeia e arredores, sobretudo, nos meses de novembro e dezembro. Sempre que o vento estava favorável, chegava mesmo aos píncaros da vila de Monsaraz.

Naquele último dia de trabalho, com o sol a espreitar envergonhado, desenhei a nossa Olívia pousada na última oliveira varejada pelo meu pai. Aos nove anos já tinha uma sensibilidade aprimorada para o desenho, um dom inato que deixava todos fascinados com a aparente facilidade com que o fazia. Desde tenra idade que passava horas a desenhar no papel o que via e sentia pegando no lápis de carvão com tamanha leveza e subtileza no traço. Dei vida àquela ave que deixou o meu pai tão orgulhoso. Uma ave agoirenta para muitos, mas, para mim, um ser vivo com uma beleza extraordinária, sobretudo, quando a luz solar incide na plumagem das suas asas e cauda transformando como por magia, o preto numa paleta de cores de azul e verde metálico capaz de invejar uma qualquer ave do paraíso.

O azeite para o ano seguinte estava garantido. Esta joia vegetal da cor do ouro, intensificadora de sabores e aromas que eleva a comida a outro patamar do prazer humano, era ganha com a força do trabalho. É bom lembrar o leitor mais desatento que sem o toque do azeite, a gastronomia dum povo jamais seria a mesma, uma verdade inquestionável.

Foram seis longas e árduas semanas. Os dias consecutivos de muito frio, de vento e de céu carregado de nuvens que, por vezes traziam a chuva, deixavam os dias tão sombrios que, em certas ocasiões, ficava a dúvida se o sol, realmente, existia. A antevisão de um período sem trabalho, sem qualquer fonte de rendimento, era uma realidade com a chegada do novo ano e um dos

problemas da sazonalidade, a precariedade. A falta de dinheiro condicionava os dias trazendo maiores dificuldades em que o amor, a paz e a alegria de viver numa família unida e crente superava os infortúnios que a vida nos oferecia.

Vivíamos isolados do mundo urbano com imensas dificuldades, mas, e apesar de tudo, felizes. Sem saneamento, era numa latrina construída em madeira ao lado do estábulo da mula que urinávamos e defecávamos diretamente para uma estrumeira. Se no inverno fervíamos a água com as brasas do lume para a lide caseira, no verão recorríamos a um regador de zinco pendurado ao sol que também servia de chuveiro. Era no tempo quente que a ribeira oferecia banhos divertidos em espaço seguro escolhido, minuciosamente, pelo meu pai que conhecia todos os seus pegos como ninguém. Da ribeira retirávamos peixe e buinho, uma planta aquática com que fazíamos esteiras e fundos de bancos e cadeiras, entre outros artefactos.

O pequeno rebanho de ovelhas dava-nos leite e queijos todos os dias e carne em épocas festivas. Da horta comíamos tudo. Tínhamos um enxame de abelhas melíferas num cortiço colocado, estrategicamente, virado ao sul em local de abundância de rosmaninho e esteva. Uma vez por ano, depois da floração primaveril, já pelo verão adentro, retirávamos o mel, de cor clara e sabor divinal, num momento único e inesquecível.

O Natal estava prestes a chegar com algumas revelações inesperadas.

1972. Éramos uma família católica não praticante, mas que levava sempre a sério a festividade cristã do Natal. As nossas idas à igreja eram mais para funerais do que para casamentos. Na verdade, havia uma inegável adoração a santas e santos por parte da minha mãe e isso via-se nos nomes dos filhos. Se a minha mãe não tinha necessidade de frequentar a missa, a minha irmã Fátima não faltava a uma homilia de domingo. A fé dava-lhes esperança na procura duma vida melhor que era real, sobretudo, porque o trabalho nos punha o pão na mesa. A minha mãe incentivada pela religiosidade da minha irmã planeava peregrinar um dia ao Santuário de Fátima para pedir à virgem que o meu irmão Sebastião não regressasse de África dentro de um caixão, algo que nunca se veio a concretizar.

Estranhamente, há duas semanas que o carteiro não aparecia por ali. Há mais de duas décadas que Juvenal Tulha percorria as zonas rurais montado num burro e passava, pelo menos, uma ou duas vezes por semana pelo monte, mais para dar água da ribeira ao animal e tagarelar que nem uma pega do que para trazer correio. Falava tanto que quase se esquecia do caminho que tinha pela frente. Na verdade, as cartas eram raras para o Monte da Pega. Juvenal Tulha, mais conhecido pela alcunha de Língua de Trapo, dava conta de tudo o que se passava nas redondezas e, às vezes, até o que não se passava. Sabia das brigas e das zangas com pormenores que, muitas vezes, faziam duvidar da veracidade dos acontecimentos. Sabia quem estava doente, quem tinha morrido incluindo as causas de tanta desgraça obrigando o meu pai a encontrar quase sempre uma desculpa com os afazeres para que Juvenal Tulha se metesse a mexer até à próxima paragem.

Passarem-se meses sem chegar qualquer correspondência ao monte que tinha, no mínimo, uma morada invulgar que só o carteiro conhecia, era normal. O que não era normal era a ausência da sua passagem nos últimos tempos. Foi a gripe que o levou à cama. Como pessoa séria que era, Juvenal Tulha apareceu, propositadamente, com uma carta esquecida no saco do correio, no dia que adoeceu. O envelope trazia o nome de Sebastião, algo intrigante para quem não sabia ler, nem escrever. Aliás, os meus irmãos só sabiam escrever o nome. Apenas eu sabia o que era viajar pelo maravilhoso mundo da leitura que tanto me fazia sonhar. Vinda da capital angolana, o destinatário trazia o nome da minha mãe, escrito por alguém com uma letra, minuciosamente, bem desenhada ...

Josefa Lagareiro Lambujo

Monte da Pega - Telheiro

Monsaraz

revelou-se numa colossal ansiedade coletiva dado o desconhecimento do seu conteúdo. A carta foi entregue em mão ao meu pai pelo carteiro que trazia um sorriso, de orelha a orelha, revelando um sentimento de cumprimento

profissional e lida em voz alta, por mim, num momento de grande orgulho familiar.

“Luanda, 8 de dezembro de 1972

Querida mãe,

espero que esta carta ao chegar às tuas mãos te sossegue o bater do coração! Como deves imaginar, pouco mais tenho para te contar do que os horrores desta estúpida e duradoura guerra.

Olha, regresssei do mato, há três dias, e ainda trago comigo o cheiro da carnificina, ainda sinto o cheiro a carne queimada. Mas sabes o que mais me dói, mãe? É ver o sofrimento no olhar inocente das crianças que já nem têm sorriso. Ai que tamanha dor esta que nem sei se é medo, se é raiva que sinto. Mãe, fazes-me tanta falta!

Sei que choras no silêncio da minha ausência, não é verdade, mãe?! E também sei que é na distância que nos separa que está a saudade que te mata por dentro. Ai como eu desejava estar preso a ti para te limpar as lágrimas do teu desgosto, minha querida e doce mãe.

Sabes mãe, na solidão da escuridão da noite que não dorme e que, só às vezes, me dá a lua cheia, volto a ser aquele menino a quem abraçavas e afagavas o rosto sempre que me vias chorar à luz da lamparina de azeite! Como fui tão feliz nesse tempo! Mãe, nem sabes o quanto eu gostava de voltar a ser a tua criança! Ontem sonhei contigo, apanhei boleia no voo da cegonha que me devolveu ao aconchego do teu ventre e voltei a ser o ser que germinou em ti! Tu voltaste a sorrir e foi tão bom, sabias?!

Olha, vou-te contar um segredo que trago bem guardado e que o horror desta maldita guerra fez despertar em mim ao ver as aves necrófagas a alimentarem-se dos cadáveres abandonados! Lembras-te da véspera de Natal do ano passado quando fui sozinho no carro de mula ao olival da Pega e levei a Olívia?! Lembraste como cheguei mudo e misterioso, sem dizer uma palavra?! A verdade é que trazia comigo o rosto da morte! Enquanto procurava silarcas, a Olívia esgravatava muito agitada junto a umas rochas algo que a água da chuva dos últimos dias havia posto a descoberto. Fiquei em choque com a quantidade de ossadas humanas que vi e voltei a enterrar. Nunca consegui esquecer a imagem da Olívia com um crânio humano no bico e que guardei só para mim.

Mãe, sê forte e que São Sebastião nos abençoe. Até um dia, se Deus quiser.

Um Santo Natal, querida mãe, pai, irmãos e irmãs!

Do vosso Sebastião

** Missiva do médico António Lobo Antunes (alferes miliciano) escrita ao soldado Zambujo, o seu príncipe de Monsaraz*

O texto tão bem escrito à mão por Lobo Antunes que ninguém conhecia, gerou um momento complexo de inexplicáveis sensações inerentes à espécie humana, desde o silêncio ao choro inconsolado da minha mãe.

Apesar da incerteza do regresso do meu irmão, a certeza de que estava vivo e o pacto entre nós em guardarmos aquele segredo em família, bastou para trazer serenidade ao almoço tão especial da véspera de Natal. Durante o degustar do borrego com batatas assado no forno comunitário da aldeia que em épocas festivas tinha sempre maior afluência, ouviu-se uma buzina, lá fora. Surpresos, com exceção do meu pai, saímos, um a um, para assistirmos eufóricos à chegada dum gerador transportado pela empresa vendedora. Descarregado e colocado prestes a funcionar, o meu pai pagou em notas a surpresa natalícia e agradeceu aos homens oferecendo-lhes uma garrafa de azeite.

Nunca a chegada da noite foi tão desejada entre nós, em que os minutos pareciam horas e as horas uma eternidade. Com o lume em brasa e a mesa posta, o tão ambicionado momento de pôr o gerador a funcionar, chegou enfim. No tecto, por cima da mesa do jantar, uma lâmpada incandescente de alta potência deixou todos em êxtase ao iluminar por completo a sala, até as filhós fritas em azeite e polvilhadas com açúcar, sobrepostas numa travessa, tinham mais brilho. Pela primeira vez, não se acendeu uma única lamparina d'azeite.

Se havia mesa farta, era na noite de consoada. Da matança do porco, tínhamos enchidos e entrecosto para as migas. Não faltavam queijos, nem azeitonas retalhadas temperadas em taças, com sal, louro, alho e orégãos. O bolo podre confeccionado com o mel da nossa colmeia e as queijadas com o leite das nossas ovelhas eram os doces tradicionais confeccionados com primazia pela minha mãe. As prendas resumiam-se a alguma guloseima deixada dentro das meias colocadas à chaminé e alguma roupa, numa casa onde se contavam todos os tostões.

2023, precisamente, cinquenta e um anos depois da última ceia de Natal. Formei-me em ecologia especializando-me em ornitologia. Por amor, casei-me depois de acabar o curso em Évora. Vivo em Monsaraz, terra de gente boa onde

muitos, infelizmente, já não estão entre nós e outros por quem desejamos o seu regresso, deixam-nos uma infinita e triste saudade.

O meu pai vendeu o rebanho e as galinhas e foi morrer a Monsaraz na casa agora habitada por mim. Deixou este mundo, exatamente, no último dia do mês, do ano, da década, do século e do milénio. O fascínio do dia 31 de dezembro de 1999 para a humanidade, transformou-se numa profunda e inesquecível dor para nós. Está sepultado no cemitério da vila junto da minha mãe, mulher duma vitalidade invejável que nos deixou ainda muito nova, sem voltar a beijar o meu irmão Sebastião por nunca ter regressado de África. Infelizmente, a minha mãe não resistiu à doença perante a fatalidade de um cancro mamário galopante. Vive em mim, o dia do seu funeral que encheu a aldeia do Telheiro de gente. Não esqueço a imagem da coroa de ramos dum velho zambujeiro, feita por nós, colocada sobre o seu caixão. Levou consigo o eterno símbolo da paz, a paz que encontrou depois de tanto sofrimento. Se o meu pai era a força do sustento, a minha mãe era o pilar da união que se perdeu com a sua morte. Os meus irmãos emigraram para França e dizem que querem voltar um dia, mas não acredito. A minha irmã Fátima, extremamente, devota, entregou-se à fé e vive enclausurada num convento para os lados de Vila Viçosa. Azeitona morreu de velhice.

Vivo nesta secular fortaleza medieval do séc. XIII, um pequeno paraíso terrestre que alberga casas antigas, genuinamente, caiadas e ruas estreitas calçadas de xisto. A chuva dos últimos dias encheu a albufeira para uma cota capaz de aguentar um longo período de seca. Sempre que a neblina matinal se deposita sobre a água, desfruto do mais belo nascer do sol sublimado pela delicadeza do voo das aves madrugadoras que me transporta, inevitavelmente, para uma calma indiscreta. Do castelo altaneiro, embebedo-me de sol e planície num território com um passado histórico e arqueológico impressionante. Inquieto-me no vagar de uma tela pincelada aos olhos da paisagem que perde, paulatinamente, o seu encanto. Um território onde o sinuoso e grande rio do Sul que nos separa dos espanhóis há séculos, deu lugar a um infundável espelho de água que submergiu moinhos de memória, onde se perdeu o uivo do lobo de outrora, mas onde o cante renasceu, onde o lagar de azeite se transformou em restaurante que respeita a tradição gastronómica com um toque de modernidade, onde reina o cultivo superintensivo do olival que recorrendo a

maquinaria rouba o emprego a quem mais precisa. Aqui as oliveiras já não são árvores distintivas, são sebes de arbustos clonados mais à procura do lucro do que da qualidade do azeite.

Felizmente que o Monte da Pega, depois de alguns anos sem ninguém, não morreu. Hoje é um alojamento turístico remodelado e ampliado que respeita o enquadramento na paisagem alentejana. O lugar de memórias duma infância difícil, mas onde fui, imensamente, feliz. Revivo o canto das aves e das cigarras que o tempo tem vindo a silenciar. Recordo os banhos na ribeira no tempo mais quente onde o peixe abundava. As bogas fritas em azeite com sabor a alho eram uma iguaria incrível feita pela minha mãe e apreciada por todos. Arrepio-me ao lembrar-me da lareira que nos aquecia nas noites frias. Por momentos, sinto o cheiro do azeite no pão torrado nas brasas do lume de chão que tantas vezes nos calou a barriga para seguirmos em frente com a vida. Este regresso ao passado, leva-me ao antigo ensino primário onde brinquei e aprendi tanto escrevendo com giz em ardósia. O mesmo edifício que se mantém igual por fora, mas que por dentro se transformou na Casa do Cante que encanta turistas nacionais e estrangeiros. Menos mal, numa freguesia onde já há poucas crianças, onde já não há escola.

Promovem-se visitas aos velhos olivais protegidos por lei onde já ninguém apanha o fruto. Que me desculpem os arqueólogos e os guias locais, mas o achado das antas do Olival da Pega pertence a uma ave necrófaga que por lá foi sepultada. Que o futuro conte a verdade. Aproveito para contar-vos uma novidade enquanto ornitóloga com mais conhecimento no estudo desta espécie no país. Por que razão vivemos no concelho do país com a maior população de pega-rabuda em Portugal?! Algo intrigante e, diria, até misterioso.

Olho para a moldura na parede com o desenho da Olívia que eternizei naquele inesquecível momento duma época em que se vivia pior, mas uma lição de sustentabilidade para os dias de hoje quando termino esta estória que também é a minha, aos meus netos. Com a doçaria regional e as chávenas em cima da mesa do jantar, dou uma trinca no biscoito de azeite e um último sorvo no chá de folhas de oliveira, já morno.

O relógio diz-me que ainda é cedo e faço uma lamparina d'azeite rudimentar como aprendi com o meu pai que deixa os meus três netos boquiabertos, não só pela sagacidade do engenho, mas, sobretudo, pela incrível

capacidade de se manter acesa durante tanto tempo. Com um toque no interruptor, desligo a lâmpada led e observo o seu fascínio pela chama que os alumia. Enquanto me agasalho para ir à Missa do Galo, olho-os com muita preocupação. Hoje como outrora, vivemos num país de futuro incerto, agarrado a salários miseráveis que mal chegam para viver. Sofro só de imaginar vê-los a abalar do Alentejo à procura duma vida melhor. Aperto o último botão do casaco, ajeito o cachecol e enfio na cabeça o gorro de malha feito à mão. Beijo-os com ternura, pego na lamparina d'azeite e entro na escuridão da noite fria a caminho da Igreja Matriz da vila.

Eu sou o benjamim dos Lagareiro Zambujo. Sou a Maria.

Autor do conto
Pedro José Grilo